

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de S. Paulo Class.: 09
Data 15/04/84 Pg.: _____

Pesquisa indica que floresta amazônica não se auto-renova

FRANCISCA DO VALE
Correspondente em Manaus

A floresta amazônica não é auto-renovável como muitos afirmam; as árvores exigem certas condições para se manterem vivas; os animais (principalmente os pássaros) só sobrevivem se observadas regras ditadas pela natureza; os solos ficam mais pobres sob a ação do desmatamento; e, em qualquer projeto, o importante não é deixar 50% da área intocada, mas a qualidade dessa área. Estes não são simplesmente conceitos ou teorias. São fatos científicos que vêm sendo comprovados ao longo dos anos, a partir de pesquisas que estão sendo feitas no Amazonas por um grupo americano, da World Wildlife Fund U.S. (Fundação Mundial da Vida Selvagem) em convênio com o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia — Inpa.

Sob a coordenação do ornitologista Richard Bierregaard, da Universidade de Yale, que gravou o som dos pássaros em extinção na floresta, dez pesquisadores americanos estão fazendo, desde outubro de 1979, um levantamento completo da flora e fauna amazônica. Eles dispõem de uma reserva, situada no quilômetro 76, da BR-174 (Manaus-Boa Vista), com a finalidade de saber o que está acontecendo com a ecologia das plantas e dos animais, antes e depois de um desmatamento.

Ao longo desse período, Bierregaard, encarregado da pesquisa com os pássaros, já identificou 20 mil espécies. Eles são presos em redes, um anel de identificação é colocado e o pássaro é novamente solto. Passado algum tempo, voltam a ser recolhidos e colocados na reserva, que é formada por uma área total de 50 hectares, uma parte desmatada e outra distribuída em lotes de um e dez hectares.

Numa área de um hectare é praticamente impossível a sobrevivência até para as árvores, e os animais não se adaptam a esse espaço; a dez não é ideal para os animais, e já foi constatado que entre as famílias de macacos, apenas o guariba consegue sobreviver, por só se alimentar de folhas. Os demais encontram dificuldades, o que influi no processo de alimentação, provocando modificações as quais não se adaptam.

Apenas sol forte

Bárbara Zimmerman estuda sapos e cobras desde 1979, quando veio do Canadá para participar do projeto. Ela já identificou 45 espécies de sapos e igual número de cobras, mas imagina ainda existirem entre 80 e 90 tipos de cobras. "Há sapos que só sobrevivem em poços d'água formados pelas chuvas, enquanto outros precisam de lagoas com este ou aquele tamanho. Estou gravando também os sons emitidos pelos sapos: cada família tem um som diferente e já aprendi a reconhecê-las de ouvido", diz ela, que também fala sobre as pesquisas dos companheiros, que permanecem na mata.

Lee Harper estuda os chamados pássaros das formigas, 12 espécies

que vivem acompanhando as formigas que espantam os insetos, do que se aproveitam para ter alimento. Ele pesquisa, o tamanho mínimo necessário a para que essas formigas formem uma colônia de, por exemplo, 500 mil formigas. Se esse mínimo não for observado, essas espécies de pássaros não terão condições de sobrevivência.

Jay Malcolm pesquisa mamíferos, principalmente ratos e Mucuras, observando as espécies mais comuns e suas áreas preferidas. Antônio Cabral é um dos brasileiros envolvidos no projeto e estuda uma família de pássaros de cada vez, detalhando todos os seus hábitos. Anthony Rylands é o representante do Inpa, dedicando-se à ecologia dos macacos. Mike Keller e Wilson Spronelo analisam os solos nas reservas, e como ficam depois do desmatamento. Já descobriram que mesmo com a floresta são pobres. Depois do desmatamento, então, ficam mais empobrecidos porque seus nutrientes são tirados das raízes das árvores. Bert Klein vive às voltas com os gaviões, especialmente o micrastrer. Kate Brown estuda as borboletas, seus movimentos, alimentos e do que precisam para sobreviver.

Bárbara Zimmerman afirma que a ecologia da Amazônia é mal-entendida. "É preciso conhecê-la cada vez mais para preservar as espécies. A região é rica em tudo quanto se possa imaginar e o nosso trabalho talvez venha a ter importância no futuro, para que se saiba como ocupar, desenvolver, sem destruir. Todos os dados são coletados e catalogados. A pesquisa ainda vai continuar, por muitos anos." Ela informa que está sendo solicitada, ao secretário especial do Meio Ambiente, Paulo Nogueira Neto, a transformação da reserva que eles utilizam no meio da floresta em parque nacional, evitando assim a depredação dos caçadores, o que é prejudicial à pesquisa. Ela espera que os resultados do que estão fazendo sejam aproveitados para evitar que outras espécies de árvores e animais venham a ser extintos na Amazônia.

Ela diz que a floresta não é auto-renovável e explica: numa área de 1500 hectares, derrubada para dar lugar a uma fazenda "só cresce capim, gado e sapo cururu, nada mais". Na reserva que ocupam, a área foi desmatada há mais de um ano. Em seu lugar surgiram apenas capoeiras, não nasceu uma única espécie de árvore, isto porque o sistema ecológico sofreu grandes modificações. "E só ficou um sol muito forte."

No trabalho que realizam, participam cerca de 30 pessoas: mateiros, empregados braçais, auxiliares de pesquisadores. Eles abrem picadas na floresta, sobem nas árvores, apanham flores e frutos, caçam borboletas. Como qualquer caboclo amazônico, os pesquisadores americanos estão sujeitos a picadas de cobras, insetos e a contraírem doenças tropicais. Bárbara, por exemplo, já foi picada por cobras (não venenosas) e por insetos. Já teve leishmaniose, cujo tratamento encerrou há dez dias.